

“Conformar-se à vida real”: sobre o(s) sentido(s) do conceito de formação em Adorno

“Conforming to real life”: on the meaning(s) of the concept of education in Adorno

“Conformarse a la vida real”: sobre el(los) significado(s) del concepto de formación en Adorno

Fábio Caires Correia¹

<https://orcid.org/0000-0002-1768-3720>

Paula Taís Bonfim Caires²

<https://orcid.org/0009-0003-5272-6401>

Kathy Briones Barbi³

<https://orcid.org/0000-0001-9317-4998>

Nathiana Capobianco⁴

<https://orcid.org/0009-0007-9800-7997>

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: fabio.caires@unesp.br.

² Centro Universitário UniFTC, Vitória da Conquista, Bahia – Brasil. E-mail: bonfimcaires.pt@gmail.com.

³ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: kathy.briones@unesp.br.

⁴ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: nathiana.capobianco@unesp.br.

Resumo

O objetivo do presente texto é pensar o núcleo em torno do qual se desenvolve a “teoria crítica da educação” de Theodor W. Adorno, ou seja, o conceito de *Bildung*. Adorno insiste na ligação entre este e a cultura, tornada efetiva quando a *Bildung* se expressa no seu caráter inevitavelmente contraditório em relação à ordem estabelecida, e não no seu caráter afirmativo, ou seja, de conformação do indivíduo à lógica social dominante. A crítica adorniana à indústria cultural encontra na semiformação seu correlato subjetivo. Essa não é uma formação incompleta, mas um processo deliberado de deformação intelectual que molda indivíduos incapazes de pensamento crítico e experiências autênticas. A indústria cultural, ao oferecer um mundo padronizado e fragmentado, aliena os indivíduos de si mesmos e dos outros, promovendo um hedonismo vazio e uma busca incessante por reconhecimento dentro de um universo autorreferencial. Somente uma educação que resgate o valor da experiência



individual e fomente a reflexão crítica pode contrapor-se a essa lógica de dominação e oferecer uma alternativa emancipatória.

Palavras-chave: Indústria cultural. Emancipação. Crítica. Educação.

Abstract

The aim of this paper is to consider the core around which Theodor W. Adorno's "critical theory of education" is developed, namely, the concept of Bildung. Adorno insists on the connection between this and culture, which becomes effective when Bildung is expressed in its inevitably contradictory character in relation to the established order, and not in its affirmative character, i.e., in the individual's conformity to the dominant social logic. Adorno's critique of the culture industry finds its subjective correlate in semi-formation (Halbbildung). This is not an incomplete education, but a deliberate process of intellectual deformation, which molds individuals incapable of critical thinking and authentic experiences. By offering a standardized and fragmented world, the culture industry alienates individuals from themselves and from others, promoting an empty hedonism and an incessant search for recognition within a self-referential universe. Only an education that rescues the value of individual experience and fosters critical reflection can counter this logic of domination and offer an emancipatory alternative.

Keywords: Cultural Industry. Emancipation. Critic. Education.

Resumen

El objetivo de este artículo es pensar el núcleo en torno al cual se desarrolla la "teoría crítica de la educación" de Theodor W. Adorno, es decir, el concepto de Bildung. Adorno insiste en la conexión entre esto y la cultura, que se hace efectiva cuando la Bildung se expresa en su carácter inevitablemente contradictorio en relación con el orden establecido, y no en su carácter afirmativo, o sea, de conformación del individuo a la lógica social dominante. La crítica adorniana a la industria cultural encuentra su correlato subjetivo en la semiformación. No se trata de una formación incompleta, sino de un proceso deliberado de deformación intelectual que moldea individuos incapaces de pensamiento crítico y de experiencias auténticas. La industria cultural, al ofrecer un mundo estandarizado y fragmentado, aliena a los individuos de sí mismos y de los demás, promoviendo un hedonismo vacío y una búsqueda incesante de reconocimiento dentro de un universo autorreferencial. Sólo una educación que rescate el valor de la experiencia individual y fomente la reflexión crítica puede contrarrestarse a esa lógica de dominación y ofrecer una alternativa emancipadora.

Palabras clave: Industria cultural. Emancipación. Crítica. Educación.

A árvore que não dá frutos é xingada de estéril.

Quem examina o solo?

O galho que quebra é xingado de podre, mas

não havia neve sobre ele?

Do rio que tudo arrasta se diz que é violento,

ninguém diz violentas as margens que o cerceiam.

Bertold Brecht

1 Considerações introdutórias

Num excerto bastante paradigmático da *Dialética Negativa* (2009), Adorno é enfático ao afirmar que “a teologia da crise registrou aquilo contra o que ela protesta abstratamente e, por isso, em vão: o fato de a metafísica se fundir com a cultura” (Adorno, 2009, p. 304). Isso significa dizer que o princípio sobre o qual a cultura se arrogava exprimir criticamente tornou-se o conteúdo interno de sua constituição. Ao fundir-se com a metafísica, a cultura passa a ser orientada por seus princípios, i.e., pela redução da diferença à lógica da identidade, portanto, da insensibilidade, ou melhor, da indiferença a tudo que seja outro. “O fato de se esquecer disso, o fato de não se compreender mais o que se sentiu um dia ante a carrocinha de cachorro, é o triunfo da cultura e seu fracasso” (Adorno, 2009, p. 303). Para Adorno,

Toda cultura depois de Auschwitz, inclusive a sua crítica urgente, é lixo. Na medida em que ela se restaurou depois do que aconteceu em sua paisagem sem qualquer resistência, ela se transformou completamente na ideologia que potencialmente era, desde o momento em que, em oposição à existência material, ela se permitiu conferir-lhe a luz da qual a separação do espírito ante o trabalho corporal a priva. Quem se coloca a favor da cultura radicalmente culpada e mesquinha transforma-se em colaborador, enquanto quem se recusa à cultura fomenta imediatamente a barbárie como a qual a cultura se revela. Nem mesmo o silêncio sai desse círculo; com o estado da verdade objetiva, ele não faz senão racionalizar a própria incapacidade subjetiva, degradando uma vez mais essa verdade a uma mentira (Adorno, 2009, p. 304).

A crítica elaborada por Adorno, ainda que por vezes erroneamente interpretada como um recurso aporético, nos conduz a um modelo muito particular de dialética, qual seja, a uma “dialética da vertigem” (Alves, 2005). Em outros termos, o exercício da crítica requereria do sujeito da crítica um mover-se quase angustiante na linha tênue entre afirmar uma cultura

sobre a qual Auschwitz tem origem, ou recusá-la, tornando-se, assim, um colaborador eminente da barbárie. “As análises e reflexões de Adorno no século passado ganham força e vida nova, se tensionadas com as contradições sociais e históricas experimentadas na contemporaneidade” (Pucci, 2018, p. 596).

A língua alemã, ao dispor dos termos *Kultur*, *Bildung* e *Zivilisation*, revela uma complexidade conceitual ausente no português em relação ao termo “cultura”. Essa distinção terminológica evidencia diferentes perspectivas sobre o que constitui a cultura e sua relação com a formação individual e a sociedade. Embora a maior especificidade da língua alemã não seja suficiente para elucidar o significado autêntico atribuído ao conceito de cultura, ela possui o mérito de nos conduzir, potencialmente, a um confronto mais direto com a crise cultural que se intensifica atualmente. Para Bandeira & Oliveira, ao tratar do binômio *Bilgung-Kultur*,

Bildung significa, genericamente, cultura, e pode ser entendida, nesse sentido, como análoga à palavra *Kultur*, de origem latina. Porém, enquanto *Kultur* tende a se aproximar das relações humanas objetivas, *Bildung* reporta-se mais às transformações na esfera subjetiva, referindo-se a um processo de formação (Bandeira; Oliveira, 2012, p. 226).

A atenção dedicada à indústria cultural, conceito cunhado por Adorno e Horkheimer, frequentemente interpretada como uma visão pessimista e até reacionária, exige um olhar mais aprofundado. A crítica à indústria cultural como geradora de uma neurose coletiva deve ser articulada com a análise da crise da cultura, presente já nos escritos do exílio americano, que paradoxalmente exaltam a cultura ao mesmo tempo em que a denunciam. Essa perspectiva complexa e contraditória revela um potencial ainda não totalmente explorado para compreender os desafios culturais da contemporaneidade.

A diferença entre a cultura como *Kultur* e cultura como *Bildung*, que introduzimos no início, é o ponto central dos argumentos apresentados no ensaio *Teoria da semiformação*. Esta última nada mais é do que “a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva” (TS, Adorno). A relação entre *Bildung* e *Kultur*, em cuja fragilidade reside o significado a atribuir aos dois termos, bem como a sua posição na configuração social em que se desenvolvem, é então complicada pela introdução de um terceiro conceito, manifesto por uma expressão “oposta e complementar” à de *Kultur*, qual seja, a de *Zivilisation*. Este último termo indica

desenvolvimento no sentido técnico-científico e costuma ser traduzido como “civilidade” ou “civilização”.

Em *O processo civilizador*, mais especificamente na primeira parte intitulada *Sociogênese da diferença entre “kultur” e “zivilisation” no emprego alemão*, Norbert Elias, fazendo referência ao binômio *Kultur-Zivilisation*, diz exatamente o seguinte:

“Civilização” descreve um processo ou, pelo menos, seu resultado. Diz respeito a algo que está em movimento constante, movendo-se incessantemente “para a frente”. O conceito alemão de *kultur*, no emprego corrente implica uma relação diferente com movimento. Reporta-se a produtos humanos que são semelhantes a “flores do campo”, a obras de arte, livros, sistemas religiosos ou filosóficos, nos quais se expressa a individualidade de um povo. O conceito de *Kultur* delimita. Até certo ponto, o conceito de civilização minimiza as diferenças nacionais entre os povos: enfatiza o que é comum a todos os seres humanos ou – na opinião dos que o possuem – deveria sê-lo. Manifesta a autoconfiança de povos cujas fronteiras nacionais e identidade nacional foram tão plenamente estabelecidos, desde séculos, que deixaram de ser tema de qualquer discussão, povos que há muito se expandiram fora de suas fronteiras e colonizaram terras muito além delas (Elias, 1994, p. 24-25).

No entanto, se para Adorno a formação (*Bildung*) não é apenas um resultado da cultura (*Kultur*), mas uma herança dela, a relação entre a formação, cultura e civilização (*Zivilisation*) não é simplesmente de oposição, mas dialética. Ou seja,

tal fato não apenas indica uma consciência progressivamente dissociada, mas sobretudo dá um desmentido objetivo ao conteúdo daqueles bens culturais – a humanidade e tudo o que lhe for inerente – enquanto sejam apenas bens, com sentido isolado, dissociado da implantação das coisas humanas. A formação que se esquece disso, que descansa em si mesma e se absolutiza, acaba por se converter em semiformação (Adorno, 2010, p. 10).

Embora se abstenha de uma definição inicial e rígida de cultura, alinhado com a dialética hegeliana, Adorno indica, implicitamente, a ubiquidade cultural em todos os fenômenos “que escapa à necessidade nua da vida”, em oposição a “tudo o que serve à reprodução da vida material, em geral à pura autopreservação do ser humano, à conservação da sua mera existência” (Adorno, 2004, p. 115). Em vez de reduzir a cultura a uma mera esfera de atividades, Adorno a coloca como um espaço de crítica e projeção de um mundo mais justo. Essa perspectiva, no entanto, revela a complexidade da cultura, que se encontra dividida entre uma cultura do espírito, que frequentemente serve aos interesses do status quo e

totalmente separada da práxis, e uma cultura crítica, que busca subverter a ordem estabelecida.

O objetivo do presente texto é pensar o núcleo em torno do qual se desenvolve a “teoria crítica da educação” de Theodor W. Adorno, qual seja, o conceito de *Bildung*. Adorno insiste na ligação entre este e a cultura, tornada efetiva quando a *Bildung* se expressa no seu carácter inevitavelmente contraditório em relação à ordem estabelecida, e não no seu carácter afirmativo, i.e., de conformação do indivíduo à lógica social dominante. Por esta razão, a crítica de Adorno à indústria cultural está indissociavelmente ligada ao conceito de *semiformação*. Este é, por assim dizer, o lado subjetivo da indústria cultural: não uma *formação* incompleta, mas perversa e deformada.

A formação do indivíduo, antes voltada para a crítica das condições sociais de subordinação à economia de mercado, agora as reforça. Somente a educação, que estimula a reflexão crítica e a valorização da experiência individual, pode resistir à proliferação de indivíduos para quem o que importa não é a experiência pessoal, mas a capacidade de reconhecer, em um mundo reduzido ao *self*, os dispositivos de autoconservação e gozo. É justamente a problematização destas e outras questões que este artigo se propõe a fazer.

2 Considerações (im)pertinentes sobre o conceito de *Bildung* e sua ambivalência

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela.

Theodor W. Adorno,

In: Educação e Emancipação, 1995, p. 143-144

A natureza dual da *Kultur* encontra eco na ambivalência da *Bildung*. Emergindo dos processos de emancipação burguesa, o conceito de *Bildung* encapsula a aspiração por uma sociedade livre e igualitária, em que indivíduos autônomos fundam um Estado mais justo. No entanto, a própria ideia de *Bildung*, ao preconizar a partilha de valores e ideais por uma elite

social, revela a contradição entre a busca por uma alternativa à sociedade injusta e a perpetuação das desigualdades.

Adorno vincula essa posição a um modelo pedagógico liberal, explicitando sua consonância com o conceito de *Bildung*. A filosofia clássica alemã concebe esse processo como uma tensão entre dois momentos: um momento progressivo – a elevação do espírito em relação ao estado de necessidade e o mundo da produção e da reprodução material como morada da possibilidade do melhor – e um momento regressivo – a entrega ao mundo tal como ele é, permitida justamente pelo momento oposto de autonomia.

Sem dúvida, na ideia de formação cultural necessariamente se postula a situação de uma humanidade sem status e sem exploração. Quando se denigre na prática dos fins particulares e se rebaixa diante dos que se honram com um trabalho socialmente útil, trai-se a si mesma. Não inocenta por sua ingenuidade, e se faz ideologia. Se na ideia de formação ressoam momentos de finalidade, esses deveriam, em consequência, tornar os indivíduos aptos a se afirmarem como racionais numa sociedade racional, como livres numa sociedade livre. No modelo liberal, isso seria tanto melhor atingido quanto mais cada um estivesse formado por si mesmo. E quanto menos as relações sociais, em especial as diferenças econômicas, cumprem esta promessa, tanto mais energicamente se estará proibido de pensar no sentido e na finalidade da formação cultural. Nesse sentido, nem se pode denunciar que ela, sozinha, não garante uma sociedade racional. Não se quer liberar a esperança, desde o princípio enganosa, de que ela poderia extrair de si mesma e dar aos homens o que a realidade lhes recusa. O sonho da formação — a libertação da imposição dos meios e da estúpida e mesquinha utilidade — é falsificado em apologia de um mundo organizado justamente por aquela imposição. No ideal de formação, que a cultura defende de maneira absoluta, se destila a sua problemática (Adorno, 2010, p. 13).

Enraizado no ideário burguês, o conceito de *Bildung* surgiu organicamente com a própria classe. Conforme Adorno, essa correlação se explica pela dependência do capitalismo em relação a um substrato cultural que desestabilizou as estruturas feudais. Ao favorecer o declínio da aristocracia e a ascensão da burguesia, esses valores culturais propiciaram o triunfo do individualismo e, por conseguinte, a *Bildung* como expressão desse novo *ethos*.

A cultura, que conforme sua própria natureza promete tantas coisas, não cumpriu a sua promessa. Ela dividiu os homens. A divisão mais importante é aquela entre trabalho físico e intelectual. Deste modo ela subtraiu aos homens a confiança em si e na própria cultura. E como costuma acontecer nas coisas humanas, a consequência disto foi que a raiva dos homens não se dirigiu contra o não-cumprimento da situação pacífica que se encontra propriamente no conceito de cultura. Em vez disto, a raiva se voltou contra a própria promessa ela mesma, expressando-se na forma fatal de que essa promessa não deveria existir. Bem, na medida em que tais nexos, como o da falência da cultura, a perpetuação socialmente impositiva da barbárie e este mecanismo de deslocamento que há pouco descrevi são levados de um modo abrangente à consciência das pessoas, seguramente não se poderá sem mais nem menos mudar esta situação, porém será possível gerar um clima que é incomparavelmente mais favorável a uma transformação do que o clima vigente ainda hoje na educação alemã. Esta questão central para mim é decisiva; é a isto que me refiro com a função do esclarecimento, e de maneira nenhuma à conversão de todos os homens em seres inofensivos e passivos. Ao contrário: esta passividade inofensiva constitui ela própria, provavelmente, apenas uma forma da barbárie, na medida em que está pronta para contemplar o horror e se omitir no momento decisivo (Adorno, 1995, p. 164).

Se é historicamente correto, segundo Adorno, falar de um fortalecimento da burguesia e de sua vitória como classe consciente, essa trajetória não se repete nas demandas da classe trabalhadora e nas tentativas de transcender a ordem econômica burguesa. A tentativa de tomada de poder pelo proletariado ocorreu em um contexto de imaturidade política e intelectual, em oposição ao processo da burguesia desde seus primórdios: “Não foi por acaso que os socialistas alcançaram sua posição-chave na história baseando-se na posição econômica objetiva, e não no contexto espiritual. Os dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia” (Adorno, 2010, p. 14).

A base histórica do pensamento de Adorno, indissociável de uma perspectiva marxista, reside no fracasso das revoluções e na consolidação do capitalismo monopolista. A cultura burguesa, com seu ideal de formação (*Bildung*), floresceu no meio da injustiça – exploração capitalista – apenas graças ao seu momento de autonomia. Sua falsidade, ao perpetuar as condições de opressão, coexistia com uma verdade ambígua: 1) a de preservar a possibilidade de um mundo melhor e 2) relegando-a, contudo, a um reino ideal. Essa tensão entre o real e o ideal é característica da noção de ideologia na perspectiva adorniana. Para Pucci,

Se, na análise de um fato cultural ou de uma atitude ética, se destaca apenas a ideia de cultura/formação como sagrada, como elevação do espírito, em oposição à práxis, à vida real dos homens, então se absolutiza uma das dimensões da *Bildung*, que, no caso, se transforma em semiformação, em espírito alienado [...] Por outro lado, se na *Bildung* se destaca unilateralmente o momento da adaptação, se a formação for entendida apenas como conformação à vida real, então desfaz-se a tensão entre os dois polos e prevalece o momento do conformismo social (Pucci, 2018, p. 597-598).

Portanto, as teorias socialistas, especialmente nas interpretações subjetivistas e voluntaristas do marxismo, se encontram presas a um dilema. A revolução socialista seria possível apenas com o desenvolvimento de uma consciência de classe capaz de desafiar a burguesia. No entanto, a formação dessa consciência é condicionada pela própria cultura burguesa, que, ao mesmo tempo em que cria as condições para a exploração, também fornece as ferramentas intelectuais para sua compreensão. O entrelaçamento entre a cultura burguesa e a consciência de classe cria um círculo vicioso que dificulta a ruptura com o sistema capitalista. A revolução não triunfou e o capitalismo, em vez de ruir, adaptou-se, elevando suas contradições a um novo patamar. Esse sistema, que antes era expressão da cultura burguesa, agora sobrevive à custa dela própria. Essa dinâmica contribuiu para um fenômeno peculiar: o nivelamento da sociedade em uma única classe média, mas apenas em termos de consciência e valores compartilhados. Objetivamente, nas estruturas econômicas, as desigualdades persistiram.

3 A indústria cultural como coisificação das relações

A ascensão do regime nazista e a subsequente eclosão da Segunda Guerra Mundial transformaram a Europa em um continente hostil, em especial para intelectuais judeus e críticos do regime, razões pelas quais muitos deles foram forçados ao exílio. Esse exílio forçado, que reuniu pensadores com sólida formação acadêmica, gerou um rico intercâmbio intelectual, marcado pela reflexão crítica sobre o totalitarismo, o nazifascismo e o contato com diversas realidades culturais e sociais.

Uma das instituições afetadas por essas mudanças, mantendo-se sempre atenta ao desenvolvimento de caminhos de pensamento capazes de questionar o contemporâneo, foi sem dúvida a chamada Escola de Frankfurt, ou seja, o grupo de intelectuais vinculados ao

Instituto de Pesquisas Sociais¹. O *Institut für Sozialforschung* foi um dos principais centros de pensamento crítico do século XX. Fundado em 1922, com o objetivo de desenvolver uma teoria social capaz de compreender e transformar a realidade, o instituto reuniu pensadores vinculados ao pensamento marxiano (não ortodoxo), que questionavam as bases da sociedade capitalista e industrial, bem como suas estruturas sociais, econômicas e políticas. Obrigados a deixar a Alemanha nazista, os membros do instituto encontraram refúgio em diferentes países, como Suíça e França, antes de se estabelecerem nos Estados Unidos. Sua obra, marcada pela interdisciplinaridade e pela crítica à indústria cultural, exerceu profunda influência sobre as ciências sociais e as humanidades, moldando o pensamento crítico das gerações seguintes (Wiggershaus, 2002; Matos, 1987; 1993; Freitag, 1986; Jay, 2008).

E foi precisamente nos Estados Unidos, em Nova Iorque e depois em Los Angeles, onde o instituto esteve sediado até ao final da guerra, que dois dos seus mais importantes expoentes, nomeadamente Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, publicaram a *Dialética do esclarecimento*, texto fundamental para o desenvolvimento da filosofia na segunda metade do século XX, que ainda representa um marco para o pensamento crítico (Duarte, 2002). A experiência do exílio, marcada pela confrontação com a barbárie nazista e o contato com o capitalismo monopolista norte-americano, moldou profundamente a reflexão dos autores.

A obra, dividida em um capítulo central sobre o conceito de esclarecimento e diversos *excursus* temáticos, apresenta uma crítica radical à razão instrumental, à indústria cultural e à alienação do indivíduo na sociedade de massas. Desse modo, tornou-se um marco para o pensamento crítico do século XX ao revelar como as promessas da modernidade se transformaram em mecanismos de dominação e padronização. Para Duarte,

¹ “A 13 de março, a polícia procedeu à busca e ao fechamento do Instituto. Em maio, as salas do andar térreo foram reabertas e postas à disposição da liga estudantil nacional-socialista. A polícia secreta do governo (Gestapo) sediada na Prinz Albert-Strasse, em Berlim, enviou uma carta no dia 14 de julho de 1933: “Ao Instituto de Pesquisas Sociais em Frankfurt-am-Main”: Em virtude dos artigos 1º e 3º da lei de 26 de maio de 1933, relativos à requisição das propriedades comunistas – RGBI I, 293 –, o Instituto de Pesquisas Sociais situado em Frankfurt-am-Main é confiscado e posto à disposição do Estado livre da Prússia, tendo em vista que o Instituto acima manteve *atividades hostis* ao Estado. Por delegação – Dr. Richter-Brohm” (Wiggershaus, 2002, p. 158).

composto entre o pessimismo histórico e o otimismo racional, a obra fornece sua força teórica na exposição da transição do mundo nazista ao administrado e na temporalidade herdada dos anos 40, marcada pela guerra fria, pelo totalitarismo e autoritarismo sempre crescentes e renovados em todos os continentes. As guerras e conflitos posteriores ao nazismo não são, para os autores, “meros incidentes históricos” (Duarte, 2009, p. 9).

Um dos capítulos que compõem a referida obra foi, portanto, dedicado diretamente por Adorno e Horkheimer a um problema intimamente ligado aos modos de produção americanos e do qual tiveram uma experiência privilegiada precisamente nos anos do seu exílio americano. Este é o problema da indústria cultural e da sua crítica, cuja tarefa é mostrar a contradição imanente em que se manifesta “a regressão do esclarecimento à ideologia, que encontra no cinema e no rádio sua expressão mais influente” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 15). O foco principal da análise dos autores recai sobre as mídias tradicionais como cinema, rádio e televisão, além da literatura e da música em geral. O interesse reside em como essas formas artísticas, quando adaptadas e padronizadas para o consumo em massa, se tornam meros objetos ou bens a serem adquiridos. Esse trabalho de crítica pode ser entendido como um exame da contradição inerente à cultura popular que, levando-a a sério, pretende evidenciar como o seu verdadeiro conteúdo, “a ideologia se esgota na idolatria daquilo que existe e do poder pelo qual a técnica é controlada. No tratamento dessa contradição, a indústria cultural é levada mais a sério do que gostaria” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 15).

A crítica da indústria cultural deve, de fato, mostrar como a dialética do esclarecimento, em que “o mito se converte em esclarecimento e a natureza, em mera objetividade” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 21), manifesta-se na indústria cultural como estranhamento do produto e alienação do consumidor de produtos culturais. A crítica à indústria cultural demonstra como os produtos culturais são utilizados como instrumentos de dominação ideológica, moldando a visão de mundo dos indivíduos e reforçando os valores da sociedade de consumo. Ao transformar a cultura em mercadoria, a indústria cultural contribui para a alienação e a passividade das massas, dificultando a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

No mundo esclarecido, a mitologia invadiu a esfera profana. A existência expurgada dos demônios e de seus descendentes conceituais assume em sua pura naturalidade o carácter numinoso que o mundo de outrora atribuía aos demônios. Sob o título dos fatos brutos, a injustiça social da qual esses provêm é sacramentada hoje em dia como algo eternamente intangível e isso com a mesma segurança com que o curandeiro se fazia sacrossanto sob a proteção de seus deuses. O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o *industrialismo coisifica as almas*. O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 35, grifos nossos).

A abordagem seguida por Adorno e Horkheimer, como já se pode perceber a partir destas linhas, é altamente crítica à redução das produções humanas ao industrialismo e entende-a fundamentalmente como uma mistificação que, escondida atrás da afirmação segundo a qual “não passam de um negócio” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 100), legitima o trabalho que é de natureza completamente oposta à arte.

A padronização, a pseudoindividualização dos produtos e a massificação dos consumidores são, portanto, os principais processos pelos quais a cultura de massa se desenvolve, enquanto a crítica à indústria cultural tem a tarefa de revelar como os elementos que a compõem escondem esses processos por trás da cortina do prazer, gerenciando o tempo livre e ao mesmo tempo eliminando-o.

Quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive suspendendo a diversão: nenhuma barreira se eleva contra o progresso cultural [...], mas a afinidade original entre os negócios e a diversão mostra-se em seu próprio sentido: a apologia da sociedade. Divertir-se significa estar de acordo. Isso só é possível se isso se isola do processo social em seu todo, se idiotiza e abandona desde o início a pretensão inescapável de toda obra, mesmo da mais insignificante, de refletir em sua limitação o todo. Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base. É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir. A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 119).

Na perspectiva de Adorno e Horkheimer, a indústria cultural coopta os trabalhadores em seu tempo livre, oferecendo um entretenimento pré-digerido, padronizado e previsível. Os filmes hollywoodianos repletos de clichês, os ritmos sincopados, repetitivos e as

pseudoimprovisações no jazz são exemplos de produtos culturais que, em vez de estimular a reflexão crítica, reforçam a ordem social vigente. Ao eliminar a contradição e o elemento negativo, a indústria cultural produz um entretenimento que, em vez de desafiar, confirma a totalidade desde a aniquilação do particular.

Os consumidores da indústria cultural são, portanto, “reduzidos a um simples material estatístico” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 102) que não atesta qualquer diferença, mas apenas o nível de assimilação alcançado em que todos devem enquadrar-se numa categoria de compradores pré-determinada, com base nas necessidades do mercado. Mesmo a oposição à mercantilização, ao consumismo, à cultura popular como tal, corre sempre o risco de ser apenas uma categoria de consumo, i.e., de ser assimilada e absorvida por esta última. Na verdade, deve-se notar que, embora haja certa vulgata a este respeito, a oposição de Adorno e Horkheimer à cultura popular não é uma simples oposição aos produtos da “baixa” cultura. Com efeito, na sua concepção, existe uma forma de respeito pela cultura popular entendida como uma forma complementar necessária em relação à arte “cultura” ou “séria”, ao mesmo tempo em que existe uma forte oposição a vários aspectos da chamada “alta cultura”, que, na atualidade, acaba muitas vezes por ser reduzido a uma mera mercadoria oferecida a uma gama específica de consumidores.

Para esclarecer este aspecto, convém recorrer a um texto posterior de Adorno contido na coleção *Sem diretriz – Parva Aesthetica* (2021). O texto em questão intitula-se *Resumé sobre indústria cultural*, e Adorno esclarece aqui precisamente o significado da introdução do termo indústria cultural, cunhado por ele e Horkheimer, substituindo o termo anteriormente utilizado, qual seja, o de cultura de massas. O objetivo dessa substituição visava precisamente fazer uma diferenciação entre cultura popular e cultura de massas, eliminando qualquer ambiguidade e especificando como na cultura de massas perde completamente o elemento de espontaneidade que estaria presente na cultura popular. O objeto de crítica da indústria cultural é, portanto, propriamente um objeto definido pela sua produção como pré-embalado, fruto de uma lógica industrial que faz do consumidor o seu próprio “objeto”, padroniza o produto e adota técnicas de distribuição racionalizadas: um produto cultural concebido como uma mercadoria *tout court*.

Em nossos esforços falávamos de cultura de massas. Substituímos essa expressão por “indústria cultural” para descartar desde o início a interpretação que convinha a seus defensores que se tratava de uma espécie de cultura que surge espontaneamente das próprias massas, algo como a configuração atual da arte popular. A indústria cultural se diferencia de tal cultura da maneira mais extrema. Ela retoma o que é conhecido há muito tempo, produzindo com ele algo que tem uma nova qualidade. Em todos os seus setores são fabricados, de modo mais ou menos planejado, produtos talhados para o consumo das massas e que em larga medida determinam de antemão esse consumo (Adorno, 2021, p. 109).

A análise da indústria cultural, pioneiramente desenvolvida na década de 40, mantém sua relevância ao nos confrontarmos com a massificação e a mercantilização da cultura. A falsa vida e a dominação inerentes aos produtos culturais, tão bem descritas por Adorno, persistem e se adaptam aos novos meios de comunicação. A serialização de séries de TV, a padronização de conteúdos digitais e a mercantilização da arte em exposições cada vez mais homogêneas são exemplos claros dessa dinâmica. A educação, como espaço de formação crítica, não pode se furtar a esse debate, pois está igualmente sujeita a esses processos.

4 Ontologia da semiformação (*Halbbildung*) e sua falsidade

A razão só pode resistir no desespero e no excesso; é preciso o absurdo para não se sucumbir à loucura objetiva [...], o curso do mundo está transtornado. Quem por precaução a ele se adapta, torna-se por isso mesmo um participante da loucura, enquanto só o excêntrico conseguirá aguentar firme e oferecer resistência à absurdidade.

Theodor W. Adorno

In: **Mínima Moralia**, 1992, p. 175.

Antes de prosseguir, vale a pena mais algumas rápidas palavras a respeito da caracterização da *Bildung* feita por Adorno. Para ele, hoje nos encontramos na era da crise radical da *Bildung*, pois “a formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede” (Adorno, 2010, p. 9). O panorama é deveras desolador: semiformação universal, sem exceção. Mas o que é exatamente a *Bildung*, ou melhor, o que foi ela na época do seu maior florescimento? “A formação (*Bildung*) nada mais

é que a cultura (*Kultur*) tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva” (Adorno, 2010, p. 9). No seu apogeu, de fato, no final do século XVIII,

a ideia filosófica de formação que a ela corresponderia se dispôs a formar de maneira protetora a existência. Havia um duplo propósito: obter a domesticação do animal homem mediante sua adaptação interpares e resguardar o que lhe vinha da natureza, que se submete à pressão da decrépita ordem criada pelo homem. A filosofia de Schiller, dos kantianos e de seus críticos foi a expressão mais prenhe da tensão entre esses dois momentos, enquanto que na teoria hegeliana da formação – e na do Goethe tardio – triunfou, dentro do mesmo humanismo, sob o nome de desprendimento, o *desideratum* da acomodação. Mas se esta tensão se defaz instalasse uma hegemonia unilateral e seu âmbito proíbe elevar-se, por decisão individual acima do dado, do positivo, e pela pressão que exerce sobre os homens, perpetua neles a deformidade que se pensava ter se dominado, a agressão (Adorno, 2010, p. 11).

A natureza problemática da *Kultur* manifesta-se no seu núcleo antinômico, ou seja, em seu caráter duplo. Por um lado, de fato, é afetado por sua origem burguesa, por ter sido, mesmo nos melhores momentos, reservado a poucos, pois sempre exigiu fisicamente o tempo e o conforto necessários para se apropriar dele, por isso mantém o estigma de um privilégio de classe. Ao fazê-lo, porém, a cultura do espírito hipostasiada como valor cultural, como cultura “alta”, manifesta a sua antítese com a práxis, ou, em termos adornianos,

O duplo caráter da cultura nasce do antagonismo social não-conciliado que a cultura quer resolver, mas que demanda um poder, que, como simples cultura, não possui. Esse desejado equilíbrio é momentâneo, transitório. Na hipóstase do espírito, mediante a cultura, a reflexão glorifica a separação social colocada entre o trabalho do corpo e o trabalho do espírito (Adorno, 2010, p. 11).

Mas, observa Adorno, “em tal espiritualização da cultura está já, ao mesmo tempo, virtualmente confirmada sua impotência e entregue à vida real dos homens às relações cegamente existentes e cegamente mutantes. Frente a isso a cultura não é indiferente” (Adorno, 2010, p. 10). Por outro lado, vice-versa,

nos casos em que a cultura foi entendida como conformar-se à vida real, ela destacou unilateralmente o momento da adaptação, e impediu assim que os homens se educassem uns aos outros. Isso se fez necessário para reforçar a unidade sempre precária da socialização e para colocar fim àquelas explosões desorganizadoras que, conforme é óbvio, se produzem às vezes justamente onde já está estabelecida uma tradição de cultura espiritual autônoma (Adorno, 2010, p. 11).

Estes dois momentos, o do privilégio de classe e o da adaptação, alcançaram um equilíbrio muito precário durante a grande época do idealismo alemão (Schiller, Goethe, Hegel) e ainda assim – e esta é a tese de Adorno –, “no momento mesmo em que ocorre a formação, ela já deixa de existir. Em sua origem está já, teleologicamente, seu decair” (Adorno, 2010, p. 21).

E qual é então essa semiformação universal? Como ela pode ser caracterizada? Adorno declara que “no clima da semiformação, os conteúdos objetivos, coisificados e com caráter de mercadoria da formação cultural, perdem à custa de seu conteúdo de verdade e de suas relações vivas com o sujeito vivo, o qual, de certo modo, corresponde à sua definição” (Adorno, 2010, p. 9). Portanto, “a semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (Adorno, 2010, p. 25). Em linha com o que argumentamos antes no que se refere ao conceito de indústria cultural, a semiformação é o destino da cultura num tempo em que todas as produções humanas, inclusive as relações, forma reduzidas a produtos. Os conteúdos de verdade tornam-se bens culturais e o seu valor é regulado pelo mercado, enquanto o conhecimento declina para informação oportuna, desligada de qualquer contexto significativo. Desta forma, desaparecem todos os pré-requisitos para uma relação viva com o passado, tornando a experiência irrepetível.

Para Adorno, é uma tendência histórica irreversível que manifesta uma espécie de dialética da formação: no momento em que concretiza o ideal igualitário que o anima desde dentro, por meio da sua difusão democrática e universal, com o processo de massificação tal feito é reduzido puramente ao ajustamento de pessoas à lógica social vigente. Em seus dizeres:

A recepção deixa de obedecer a critérios imanentes para se conformar ao que o cliente crê obter deles. Mas simultaneamente com a elevação do nível de vida, crescem as reivindicações de uma formação como índice para ser considerado integrante da camada superior, da qual, aliás, cada vez menos se distingue subjetivamente. Como resposta, se incentivam camadas imensas a pretender uma formação que não têm. O que antes estava reservado ao rico e ao *nouveau riche* se converteu em espírito popular. Um grande setor da produção da indústria cultural vive dessa nova realidade e, por sua vez, incentiva essa necessidade por semicultura. As biografias romanceadas, que informam sobre os fatos culturais mesclados a identificações baratas e vazias, ou o resumo de ciências inteiras, como a arqueologia ou a bacteriologia, adulteradas com impressionante desfaçatez, convencem o leitor de que está *au courant*. Confiante na ignorância, o mercado cultural dela se nutre e a ela reproduz e reforça. A alegre e despreocupada expansão da formação cultural, nas condições vigentes, é, de modo imediato, sua própria aniquilação (Adorno, 2010, p. 27).

A semiformação universal difunde a exigência social de uma necessidade pseudoformativa ao despertar o tipo humano capaz de perpetuá-la, que é o tipo do indivíduo pseudoformato, daquele que pratica a autopreservação sem sujeito, i.e., faltando completamente o momento de reflexão. Nele se manifestam duas patologias opostas e complementares que afetam a percepção do tempo e a elaboração do conceito. No que diz respeito ao primeiro aspecto, é a experiência viva que fica comprometida. Quanto ao segundo (o déficit conceitual do indivíduo pseudoformato), Adorno observa que

o conceito fica substituído pela subsunção imperativa a quaisquer clichês já prontos, subtraídos à correção dialética, que descobre seu destrutivo poder nos sistemas totalitários. Também lá se adere à forma “*É isso*”, que se caracteriza como isolada, ofensiva e, ao mesmo tempo, conformista (Adorno, 2010, p. 34).

Então, como podemos sair deste impasse? Cabe ao indivíduo, apenas ao indivíduo. Adorno parece muito cético em relação às soluções institucionais para a atual crise da formação, porque, face à semiformação universal, as reformas pedagógicas não são suficientes. “Reformas pedagógicas isoladas, indispensáveis, não trazem contribuições substanciais” (Adorno, 2010, p. 8), observa Adorno, pois “a semiformação é uma fraqueza em relação ao tempo, à memória, única mediação que realiza na consciência aquela síntese da experiência que caracterizou a formação cultural em outros tempos” (ADORNO, 2010, p. 33). No entanto, paradoxalmente, apesar e para além destas reservas, Adorno continua a insistir na necessidade de agarrar-se à formação mesmo depois de a sociedade a ter privado da sua base. Se é verdade que “a medida da nova perversidade é a anterior” (Adorno, 2010, p. 19), então, “a formação cultural tradicional, mesmo que questionável, [...] serve de antítese à semiformação socializada”, e, portanto, “a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a autorreflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu” (Adorno, 2010, p. 19).

5 Considerações finais

Em um mundo dominado pela hipermídia e pela fragmentação do conhecimento, a educação enfrenta complexos desafios. A cultura de massa, marcada pela manipulação e pela superficialidade, impacta diretamente as práticas pedagógicas. A escola, muitas vezes, se torna um espaço de transmissão de informações prontas, desconsiderando a importância da

construção do conhecimento pelo aluno. A dicotomia entre a comunicação autêntica e a comunicação instrumentalizada, presente em todos os âmbitos da sociedade, se intensifica no contexto educacional. A exigência por conteúdos simplificados e de fácil assimilação impede que o aluno desenvolva habilidades de pensamento crítico e autonomia intelectual. A cultura, ao se adaptar às demandas da sociedade de consumo, perde sua profundidade e complexidade, e o aprendizado se reduz a uma mera acumulação de informações, sem que haja uma verdadeira apropriação do conhecimento.

A importância da formação não se encontra em uma posição absoluta ou idealizada, mas sim na capacidade de servir como um padrão crítico para avaliar a semiformação, uma cultura deturpada que se apresenta como autêntica. A semiformação ironicamente é a própria distorção da *Bildung*. A única forma de combater a semiformação é por meio de uma reflexão crítica constante sobre ela mesma. A *Bildung* não é um objeto a ser alcançado, mas um modelo a ser seguido, especialmente evidente na relação entre professor e aluno. É nesse encontro que a *Bildung* pode sobreviver, transformando a simples transmissão de conhecimento em uma paixão pela aprendizagem. Para Adorno, a pedagogia deve preservar o desejo de não desistir, mesmo diante da inevitabilidade da perda na comunicação, e assim manter viva a essência da formação.

Referências

ADORNO, T. W. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W. **Sem diretriz** – Parva Aesthetica. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

ADORNO, T. W. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. Á. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. **Teoria Crítica e inconformismo**: Novas perspectivas de ensino. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2010, p. 6-40.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALVES JÚNIOR, D. G. **Dialética da vertigem**: Adorno e a filosofia moral. São Paulo: Escuta, 2005; Belo Horizonte: Fumec/FCH, 2005.

BANDEIRA, B. S.; OLIVEIRA, A. da R. Formação cultural e semiformação: contribuições de Theodor Adorno para pensar a educação hoje. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 225-232, maio/ago. 2012.

DUARTE, R. **Adorno/Horkheimer & a Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002

ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994

FREITAG, B. **A Teoria Crítica: Ontem e Hoje**. Brasília: Editora Brasiliense, 1986.

JAY, M. **A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais – 1923-1950**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

MATOS, O. **Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993.

MATOS, O. **Os arcanos do inteiramente outro: a escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1987

PUCCI, B. A Ontologia da Semiformação em tempos de neoliberalismo. **Veritas**, Porto Alegre, v. 63, n. 2, maio/ago.2018, p. 595-613. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2018.2.30764>. Acesso em: 12 ago. 2024.

TIBURI, M.; DUARTE, R. (org.). **Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento**. Ijuí: UNIJUÍ, 2009

WIGGERSHAUS, R. **Escola de Frankfurt: História, desenvolvimento teórico, significação política**. Tradução de Vera de Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

Enviado em: 03/09/2024

Aprovado em: 05/09/2024